

A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DOS FATOS JORNALÍSTICOS NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA (IAG): UMA ANÁLISE SOBRE O JORNAL ITALIANO IL FOGLIO AI

THE IMAGERY REPRESENTATION OF JOURNALISTIC FACTS IN THE AGE OF GENERATIVE ARTIFICIAL INTELLIGENCE (GAI): AN ANALYSIS OF THE ITALIAN NEWSPAPER IL FOGLIO AI

Leriany Barbosa

Universidade Estadual de Ponta Grossa

ORCID: 0009-0004-9079-4226

David Candido dos Santos

Universidade Estadual de Ponta Grossa

ORCID: 0009-0003-6655-4022

Graziela Soares Bianchi

Universidade Estadual de Ponta Grossa

ORCID: 0000-0002-4940-9849

Paulo Pessôa Neto

Universidade Estadual de Ponta Grossa

ORCID: 0009-0007-7420-5526

Vítor Almeida dos Santos

Universidade Estadual de Ponta Grossa

ORCID: 0009-0003-0002-7799

DOI: 10.9771/contemporanea.v24i1.71937

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo analisar as imagens geradas por inteligência artificial generativa (IAG) do jornal italiano *Il Foglio AI* e discutir os riscos na produção de memória. Para isso, selecionam-se as imagens das publicações entre março e outubro de 2025, as quais tratam das guerras entre Israel e Palestina, e Ucrânia e Rússia. Além disso, este trabalho circunscreve, a partir de Palácios, o jornalismo como espaço de memória e mapeia as implicações da IAG no imaginário social, ao tentar reproduzir um recorte da realidade. Dos 296 materiais presentes no primeiro recorte efetuado, 34 imagens feitas por IAG foram selecionadas para análise final. Conclui-se que, mesmo que as imagens geradas por IAG não sejam capazes de representar a realidade, o *Il Foglio AI* assume o risco de enganar o público, na medida em que o uso desse tipo de imagem como possibilidade tenha potencial de ser tomada como memória no imaginário social.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência artificial generativa (IAG), imagens, imaginário social, webjornalismo, memória.

ABSTRACT:

This article aims to analyze the images generated by generative artificial intelligence (GAI) in the Italian newspaper *Il Foglio AI* and discuss the risks they pose to the production of memory. To this end, images from publications between March and October 2025 addressing the wars between Israel and Palestine and between Ukraine and Russia, were selected. Furthermore, drawing on Palacios, this study circumscribes journalism as a space of memory and maps the implications of GAI on the social imaginary when it attempts to reproduce a slice of reality. From an initial corpus of 296 materials, 34 GAI-generated images were selected for final analysis. The study concludes that even though GAI-generated images are incapable of representing reality, *Il Foglio AI* assumes the risk of misleading the public, insofar as the use of such images has the potential to be perceived as memory within the social imaginary.

KEYWORDS: Generative artificial intelligence (GAI), images, social imaginary, online journalism, memory.

INTRODUÇÃO

Este artigo reflete a respeito de aspectos presentes na relação entre a História e a Comunicação. As imagens são *vestígios* (Rabelo, 2014) acionados pela História por serem fontes históricas fundamentais: “o vestígio é uma marca do passado, envolvido por

diversas implicações sociais, pelas políticas de memória e por retóricas sociais e historiográficas” (Rabelo, 2014, p. 18).

Por exemplo, a imagem fotográfica, [...] desde a captura daquilo que foi chamado de índice - que é um signo físico e contíguo da luz na superfície sensível - até sua consideração como vestígio, deu-se um trabalho social de investimento de sentido, de enquadramento do índice em formas que, por efeito de convenções culturais, são identificadas com seus referentes e, assim, tidas como seu documento, dentro de um regime de significação dominante (Rabelo, 2014, p. 19).

Na contemporaneidade, algumas imagens que transitam nos circuitos sociais, e que poderão ser utilizadas futuramente como fontes históricas, são totalmente produzidas por inteligência artificial generativa (IAG), o que fará com que esses vestígios imagéticos sejam configurados por tecnologias que interferem e alteram o imaginário social. Tais fontes históricas terão formatos e sentidos que não haviam sido anteriormente produzidos pela humanidade.

A disposição e a oferta das imagens afetando o modo como compreendemos o mundo e nossa realidade também são aspectos de atenção neste trabalho. McLuhan (1978) indica que a partir do momento que foi identificada a efetividade do visual e do som sobrepondo a escrita, governos e instituições, incluindo o jornalismo, começaram a utilizar tais possibilidades para apresentar a realidade para seu público consumidor, ou mesmo distorcê-la. À medida que as tecnologias vão avançando, as imagens vão ficando mais espetaculares, imediatas e incontestáveis.

Posto isto, o objetivo do artigo é analisar as imagens relacionadas às guerras entre Israel e Palestina, e Ucrânia e Rússia, publicadas entre março e outubro de 2025 pelo jornal italiano *Il Foglio AI*, as quais foram geradas de modo sintético pela IAG. A intenção é refletir sobre quais problemas que imagens de IAG podem representar para a concepção do imaginário social, visto que tais representações imagéticas podem ser usadas como fonte histórica. Algumas produções realizadas por IAG não são fidedignas à realidade, algo caro para a História e para a Comunicação. “Ao quebrar o referente real da imagem técnica [...] Essa ruptura cria um receio e uma desconfiança do real no espectador” (Muanis, 2023, p. 36).

Criado no dia 7 de dezembro de 1995, o jornal italiano *Il Foglio* foi idealizado pelo jornalista, apresentador e ex-político Giuliano Ferrara. Apesar do editor-fundador do jornal ter nascido em uma família comunista e antifascista, com o passar das décadas

do século anterior, Ferrara começou a defender o liberalismo econômico, sendo um dos apoiadores do antiaborto, neoconservadorismo e um dos porta-vozes da extrema-direita da Itália (Ferrara, 2003). De acordo com a Enciclopédia do Instituto Giovanni Treccani, o jornal *Il Foglio* segue o mesmo viés direitista e liberalista do editor-fundador. Desde 2015, o veículo tem como editor-chefe Cláudio Cerasa e recebe contribuições financeiras do governo italiano, desde maio de 2017, segundo informações que constam na própria página do jornal.

Ainda conforme a Enciclopédia sobre o jornal, o *Il Foglio* teve como característica ter o primeiro formato de publicação em uma única folha - por isso o nome - e “aborda questões políticas, econômicas e culturais” (Instituto Giovanni Treccani, [202-], tradução nossa). Em 2025, o periódico começou a usar IAG para a criação de um jornal impresso feito totalmente por essa tecnologia. Também com conteúdos compartilhados na web, o *Il Foglio AI* indica o objetivo de ser um “experimento jornalístico”. De acordo com publicação do jornal *Folha de S. Paulo*, em março de 2025, o formato impresso do *Il Foglio AI* tinha como proposta inicial circular somente por um mês, mas, como mostra este trabalho, os conteúdos produzidos por IAG ainda circulam. Os artigos não contêm menções a entrevistas ou fatos inéditos, elementos constitutivos de uma reportagem. Segundo o editor-chefe de *Il Foglio*, Claudio Cerasa, os textos são produzidos “a partir de perguntas dos jornalistas a uma plataforma de IA” (Teixeira, 2025).

Este artigo ainda avança em: construir o corpus da análise com base em imagens de IAG geradas pelo *Il Foglio*, selecionando pautas sobre guerra; classificar tipos de imagens identificadas a partir do levantamento realizado; e compreender a posição da representação jornalística após a transformação do processo de produção imagética, por meio da análise das imagens.

JORNALISMO E FOTOGRAFIA COMO UM ESPAÇO DE MEMÓRIA

A partir dos processos de digitalização, a sociedade passou a contar com um estoque de memória acessível e “rapidamente disponível” (Palacios, 2010, p. 39). Nesse sentido, o jornalismo ocupa um lugar de memória como um “produtor de repositórios de registros sistemáticos do cotidiano, para posterior apropriação e (re)construção histórica” (Palacios, 2010, p. 40). A imagem fotográfica é um dos elementos dessa reconstrução, pois, desde a virada para o século XX, tem a finalidade de registrar a rotina ordinária para futura consulta (Palacios, 2010, p. 40). O jornalismo é, portanto, memória arraigada

na atualidade e transformada em notícia, mas que depois será um passado relatado (Palacios, 2010). Se antes esse passado se renovava a cada dia, a partir do rádio, da TV e da web, a atualização tornou-se contínua (Palacios, 2010).

Segundo Palacios (2010), o jornalismo utiliza do recurso da memória para a elaboração de produtos jornalísticos marcados pela temporalidade, como obituários ou aniversários, ou eventos que demandam uma cobertura estendida, como o acompanhamento de um projeto de lei. O jornalismo também utiliza da memória de maneira recorrente “na produção do relato da atualidade” (Palacios, 2010, p. 41), seja através de analogias, nostalgias ou comparação com outros eventos. A partir da digitalização, o jornalismo convive e compete com o usuário comum na produção de memória (Palacios, 2010).

Além disso, esse mesmo usuário consegue acessar esse “passado arquivado” (Palacios, 2010, p. 45) facilmente, a partir das indexações na web.

Antes da web, alguns jornais tinham melhores arquivos (mais completos, mais bem indexados) e portanto melhores condições de recurso à memória na produção de texto sobre a Atualidade; agora, mais e mais arquivos vão sendo digitalizados, indexados, tornados públicos e abertos, equalizador as condições de uso da memória, não só na produção, mas também na recepção (Palacios, 2010, p. 45).

Da mesma forma que o jornalismo incorpora elementos dessa memória disponível na web e a reproduz, a IAG também acessa esses arquivos para gerar conteúdos imagéticos. No caso mais específico de imagens criadas por IAG, a tentativa de gerar uma captura fotográfica da realidade pode oferecer ao público o mesmo espaço de recordação da fotografia.

[...] A memória congela o quadro; sua unidade básica é a imagem isolada. Numa era sobrecarregada de informação, a fotografia oferece um modo rápido de apreender algo e uma forma compacta de memorizá-lo. A foto é como uma citação ou uma máxima ou provérbio. Cada um de nós estoca, na mente, centenas de fotos, que podem ser recuperadas instantaneamente (Sontag, 2012, p. 16).

Susan Sontag (2012) explica que, para um judeu israelense ou para um palestino, a mesma foto pode ter significados diferentes. Ernest Friedrich, ao publicar o álbum de 180 fotos chamado “Guerra contra guerra”, quis evitar que a fotografia falasse por si mesma. Para isso incluiu uma legenda comovente em cada fotografia (Sontag, 2012). A questão é que a legenda, tal qual a fotografia, também pode ser utilizada para deturpar, como foi o caso das guerras nos Bálcãs, em que fotos de crianças mortas foram utilizadas como propaganda tanto por sérvios quanto por croatas (Sontag, 2012). Nesse caso, a mudança do sentido da foto ficava por conta da legenda.

Fotos de uma atrocidade podem suscitar reações opostas. Um apelo em favor da paz. Um clamor de vingança. Ou apenas a atordoada consciência, continuamente reabastecida por informações fotográficas, de que coisas horríveis acontecem (Sontag, 2012, p. 10).

Buitoni (2007, p. 104) considera que “a imagem existe entre o imaginário e a realidade”. No caso, a fotografia é pensada como um espelho da realidade, ainda que se considerem as mudanças que ocorrem no percurso do disparo até a publicação. Por outro lado, mesmo em ambientes digitais, em que se sabe da possibilidade de manipulação da fotografia, a confiança não se altera (Buitoni, 2007).

A primeira cobertura fotográfica de guerra foi realizada por Roger Fenton, no conflito na Crimeia (1853-1856). Naquela época, por uma limitação técnica das câmaras, que precisavam de pelo menos quinze segundos de exposição e da instrução do Ministério da Guerra em não fotografar os mortos, Fenton se deteve em registros a partir de cenas montadas (Sontag, 2012).

A fotografia de guerra como um registro cru da realidade, com a diminuição de fotos encenadas, começou a partir da Guerra do Vietnã (1955-1975), sugerindo um padrão de ética jornalística (Sontag, 2012). Mesmo diante da possibilidade de manipular, a encenação, segundo a autora, já estava se tornando uma “arte perdida” (Sontag, 2012, p. 37). Para Buitoni (2007), uma das características da fotografia jornalística é o flagrante, já que a imagem pode revelar vestígios sobre uma ação que está acontecendo.

Tanto a fotografia quanto a arte utilizam o real como referência, na intenção de reproduzir, nem que seja como uma alegoria (Buitoni, 2007). Estar exposto a essas imagens de guerra deixa marcas profundas, principalmente quando se pode revê-las muitas vezes (Sontag, 2012).

IMAGENS GERADAS POR IAG E AS IMPLICAÇÕES NO IMAGINÁRIO SOCIAL

A IAG gera imagens que são publicadas em jornais - como no caso do *Il Foglio Al* - e que poderão ser acessadas futuramente como fonte histórica. O problema é que há diferenças entre uma imagem produzida por um fotojornalista profissional, que segue a ética jornalística e possui compromisso com a realidade - salvo em casos de desinformação ou manipulação midiática com interesses políticos e econômicos - e uma imagem gerada por IAG, que simula a realidade e imita cenários, personagens ou objetos.

Essas imagens de IAG em simulação da realidade podem afetar negativamente o imaginário social e o potencial de fonte histórica das imagens publicadas por jornais. Isso porque a forma como elas se apresentam na sociedade, seja em jornais impressos, na televisão, em sites ou em outros suportes comunicacionais, bem como no dia a dia em cartazes, álbuns fotográficos etc., faz com que o imaginário das pessoas seja modificado.

Ao consumir uma imagem de uma situação cotidiana que foi registrada a partir do fotojornalismo, o indivíduo tem a sensação de estar no lugar do acontecimento, sem de fato estar. Afinal, as imagens fotográficas representam um recorte da realidade, logo, existem tentativas de reconstrução desses cenários, para que cada vez mais sejam construídas informações para aqueles que não estavam presentes (Berger; Luckmann, 1985). Porém, a IAG simula situações, portanto, não é a realidade, ainda que recortada, e neste ponto, acumulam-se problemas.

Para Muanis (2023, p. 39), “todas as imagens figurativas existem a partir de um referente, ou seja, elas se baseiam em algo que existe ou existiu”. Utilizar imagens para representar a realidade não é uma novidade para o jornalismo, entretanto, com o crescente uso de IAG, surge a necessidade de refletir sobre a criação de conteúdos imagéticos que são feitos por meio de ferramentas que utilizam esta tecnologia, com a proposta de aproximar-se da realidade.

Como aborda o autor:

Essas novas ferramentas, cada vez mais populares e com um potencial extremo de crescimento em uma velocidade espantosa (há quem diga que, atualmente, a tecnologia da inteligência artificial é capaz de dar um salto a cada três meses), significaria a entrada da sociedade contemporânea em um tempo de desconfiança não apenas da imagem produzida por meios digitais, mas de tudo o que é mediado por eles, gerando, assim, um momento novo da relação não apenas do observador com a imagem, mas do utilizador com qualquer mídia (Muanis, 2023, p. 46).

Já Manovich e Arielli (2023, p. 19-20) descrevem as imagens feitas por IAG como:

Processo de criação de novos objetos de mídia com redes neurais profundas como imagens, animações, vídeo, texto, música, modelos e cenas 3D e outros tipos de mídias. Além desses objetos, as redes neurais também são usadas para gerar elementos e tipos de conteúdo específicos, como rostos humanos fotorrealistas e poses e movimentos humanos. Elas também podem ser usadas na edição de mídias, como para substituir uma parte de uma imagem ou vídeo por outro conteúdo que se ajuste espacialmente.

As imagens geradas por IAG tentam se aproximar de imagens reais, por meio de *prompts* (comandos) cada vez mais elaborados, devido aos dados que lhe são compartilhados para chegar ao resultado esperado - imagens *hiperrealistas*, por exemplo. Devido ao processo de remixagem e sampleamento para geração dessa imagem (Manovich, 2004, p. 255), o produto será uma imagem sintética, na qual, devido a “programas sofisticados, sabemos hoje fabricar por síntese imagens extremamente ricas, em que os objetos evocados têm formas e volumes, cores, sombras e luzes, reflexos e texturas” (Cadoz, 1997, p. 15).

Shumailov *et al.* (2024, p. 755) reconhecem que diversos conteúdos gerados por IAG estão sendo criados a partir de dados sintéticos, resultando em um “‘colapso do modelo’ - um processo degenerativo no qual, ao longo do tempo, os modelos esquecem a verdadeira distribuição subjacente dos dados, mesmo na ausência de uma mudança na distribuição ao longo do tempo”. Dito isso, as imagens geradas por IA não partem mais de um padrão real ou, melhor, semelhante a uma construção da realidade. Atualmente, essa tecnologia utiliza de redes neurais profundas (*Deep Neural Networks- DNNs*), técnicas baseadas em redes generativas adversariais (*Generative Adversarial Networks- GANs*), *transformers* e modelos de difusão (*Diffusion Models*) para alterar a aparência ou identidade de indivíduos ou produzir conteúdos digitais imagéticos (Borges, 2025, p. 15), muitas vezes, criadas por dados sintéticos. Como refletem Shumailov *et al.* (2024, p. 755):

Com o tempo, os modelos começam a perder informações sobre a verdadeira distribuição, o que inicialmente se inicia com o desaparecimento das caudas, e os comportamentos aprendidos convergem ao longo das gerações para uma estimativa pontual com variância muito pequena.

Welter e Canavilhas (2023) reconhecem a existência de conteúdos que não condizem com a realidade, mas que por serem parecidos, sendo o caso de *deepfakes*, resultam no processo de desinformação, além de gerar os tais “*bots do mal*”, que são responsáveis pelos *spams*. Saad (2024, p. 262) explica que “todo sistema de zeros e uns é fruto da invenção e modulação humanas, e, portanto, tem potencial de gerar desinformação, fazer ilações errôneas, informar fora de contexto e assim por diante”. Logo, ao utilizar imagens de IAG, é necessário redobrar a atenção e, obviamente, anunciar a origem através de créditos, por exemplo.

Ainda sobre a relação de imagens geradas por IAG, Ferrari (2024, p. 94) reflete que as eleições presidenciais da Argentina, ocorridas em 2023, geraram um processo de desinformação, considerando que os conteúdos imagéticos foram feitos por meio de programas de IA que “qualquer pessoa que tem acesso à internet, [...] como *MidJourney*, *Dall-E 2*,

Bing Image Criator, Canva” (Pucarelli; Tavares, 2023, p. 44). Também o exemplo das imagens, criadas por uma IAG, do Papa Francisco, em 2023, que se tornaram meme.

Champi e Andrade Neto (2023) indicam que apesar da referida imagem conter elementos não condizentes com o tradicional vestiário papal e eclesiástico conservador da Igreja Católica Romana, a figura pública do Papa Francisco I, como um líder religioso progressista e de modismos mais populares, gerou uma persona que fez com que os consumidores da imagem gerada artificialmente acreditassem se tratar de um registro real. A *Folha de São Paulo*¹ chegou a usar a imagem para noticiar a saída de Francisco I do hospital, se retratando dias depois, mas não admitindo ter acreditado que a imagem era verdadeira.

Esses conteúdos imagéticos que parecem reais, mas que não são verdadeiros, estão “associadas às multifacetadas questões relativas à pós-verdade” (Ferrari, 2024, p. 94), pois contribuem para a desinformação, se compartilhadas de má-fé. Nesse sentido, cita-se o caso de algumas imagens compartilhadas sobre as enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul², como a do bebê morto boiando e a do helicóptero da Havan, que foram enquadradas pelo *UOL Confere* como falsas, por afetarem “diretamente a veiculação de informações, criando um cenário sensacionalista e apavorante” (Barros; Bianchi; Barbosa, 2024, p. 718).

Vale também pensar em como os conteúdos imagéticos criados por IAG tecem uma nova gramática visual, a qual afeta o imaginário social, uma vez que as “imagens geradas por inteligência artificial não possuem um referente físico no mundo; elas são sintetizadas a partir de distribuições estatísticas extraídas de gigantescos bancos de dados visuais” (Viola, 2026, p. 5). Com isso, diversas ilustrações operam como uma representação simulada, baseada em cálculos matemáticos, que têm adotado padrões generativos para recriar uma imagem que tenta ser um recorte da realidade.

Não que o processo algorítmico seja novo para a fotografia, principalmente se considerar a automatização de uma câmera analógica para o digital, e as configurações que passaram de manuais para automáticas. Mas, as pessoas estão deixando de “tirar” uma fotografia para “criar” uma, sendo isso compreendido por Viola (2026, p. 9) como um processo de pós-fotografia: “novo regime imagético no qual a imagem não é mais o vestígio de um olhar humano sobre o mundo, mas o produto de uma cognição distribuída entre humanos e máquinas”.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando que a imagem gerada por inteligência artificial generativa poderia impactar na compreensão do imaginário social exposto pela notícia sintética apresentada, o processo metodológico deste trabalho concentrou-se, em um primeiro momento, na coleta de informações e organização de uma tabela no programa Planilhas Google³, tendo como critérios de análise a categoria da imagem feita por IA, escolhida pelo *Il Foglio* para ilustrar as matérias, se ela tinha ou não legenda e se era divulgado qual modelo dessa tecnologia fora utilizado para criar tal material imagético.

A coleta focou os conteúdos compartilhados na aba *Il Foglio AI*⁴, entre os dias 17 de março de 2025 (início das publicações pelo jornal) a 4 de outubro de 2025 (quando foi realizada a coleta). Com isso, os seguintes tópicos foram salvos para a análise: *Título da matéria; Link; Data; Trata de conflitos de guerra; Quem assina; Categoria; Legenda; Qual modelo de IA; Link para a imagem*.

De modo geral, 296 conteúdos foram coletados inicialmente e, na sequência, foi colocada em prática uma triagem, constatando quais desses materiais tratavam como pauta o contexto de guerra, seja, por exemplo, o conflito armado entre Rússia e Ucrânia, ou a recente escalada do conflito entre Israel e o grupo Hamas.

Os critérios que tiveram foco na pauta sobre guerra deram-se: a) pela relevância do tema no contexto atual, registrado, inclusive, em aba de destaque que o próprio jornal possui sobre um dos conflitos citados, a saber: “*La guerra in Ucraina*”; b) imagens criadas por IA podem distorcer informações sobre conflitos armamentistas e números de vítimas, principalmente pelo caráter de comoção ao se consumir *hard news* sobre conflitos bélicos; c) o que pode impulsionar o processo de desinformação diante do tema, assim como são retratadas figuras públicas e eventos relacionados a fatos históricos que estão ocorrendo e sendo acompanhados mundialmente.

Considerando as diretrizes estabelecidas, 37 matérias publicadas na aba do *Il Foglio AI* foram enquadradas no recorte, e 34 imagens feitas por IA foram selecionadas para análise final. Vale salientar que algumas das notícias, apesar do editorial apontar que o texto havia sido gerado com IAG, eram ilustradas com fotografias creditadas a agências de notícias ou contas em redes sociais digitais, totalizando seis fotografias ou capturas de tela.

No que se refere às imagens geradas, foram identificadas quatro categorias que representam o estilo de imagem feita por IA, configurada como sintética⁵, para ilustrar as matérias do jornal italiano, sendo nomeadas pelos autores como: *Ilustração Hiperrealista Sintética* (quando a imagem gerada sinteticamente possui uma estética hiperrealista que simula uma fotografia); *Ilustração Não Hiperrealista Sintética* (englobando imagens geradas que não simulam uma fotografia, podendo englobar diversos níveis de realismo); *Captura de Imagem de Texto Sintético* (única ocorrência onde a imagem era uma captura de texto gerado artificialmente); e *Ilustração Fotomontagem Sintética* (quando a ilustração se apresentava em fotomontagem com diferentes elementos selecionados e dispostos sinteticamente de acordo com o comando).

A seguir, será apresentada a análise, em que será possível identificar qual tipo de imagem mais aparece neste estudo. Por fim, reflete-se a tentativa do jornal italiano em simular o processo de produção de uma notícia, ao tratar uma temática *hard news*, além de refletir sobre a necessidade de retratar um sentimento de maior aproximação da realidade apresentada pela produção sintética. Com isso, percebe-se que há uma simulação do trabalho do jornalismo humano na escolha de como representar a notícia imagetivamente a partir do comando inicial.

ANÁLISE DAS ILUSTRAÇÕES SINTÉTICAS

Em um primeiro momento, observou-se que, entre as categorias já apresentadas, 22 imagens eram Ilustrações Hiperrealistas Sintéticas, sendo a categoria de maior número. Das imagens restantes, sete foram categorizadas como Ilustração Não Hiperrealista Sintética; quatro como Ilustração Fotomontagem Sintética; e o único caso de Captura de Imagem de Texto Sintético.

Importante salientar que entre as 34 imagens utilizadas pelo jornal, 17 possuem legendas ou informações próximas, expondo que se tratava de imagem gerada artificialmente e qual plataforma foi utilizada para criação das ilustrações, 4 não possuem a informação sobre a IAG utilizada, mas mostram uma marca d'água da plataforma de IAG Grok, ferramenta de IAG da rede social X, e 13 imagens não têm aviso de que foram geradas artificialmente ou qual plataforma fora utilizada.

Como o *Il Foglio AI* já havia demarcado que todos os elementos das notícias coletadas eram gerados por IAG, a princípio, a informação se eram ou não imagens geradas não

foi considerada importante pelos autores desta pesquisa. Porém, como em duas notícias foram apresentadas imagens creditadas a agências de notícias e capturas de tela de rede sociais digitais, problematiza-se aqui o não apontamento em treze imagens, já que os próprios autores as consideraram produtos sintéticos, devido ao próprio editorial do jornal, mas em muitas delas fica difícil identificar elementos que provem a geração artificial, como visto na Figura 1.

Nestes casos, o potencial enganador dos conteúdos fica exposto, pois a imagem gerada artificialmente pode passar como um registro oficial e fidedigno, quando ele não existiu. Em um veículo que apresenta uma amálgama entre os dois tipos de conteúdo, um equívoco pode ser facilmente cometido no momento de separar uma imagem factual de uma gerada artificialmente.

Figura 1: Suposta Ilustração Hiperrealista Sintética da presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen.



Fonte: *Il Foglio AI* (20 maio 2025).

Considerando que “a busca pela verdade é um requisito fundamental para o jornalismo, é dela que derivam os outros elementos essenciais” (Schmitz, 2020, p. 16). Entende-se que as imagens utilizadas para ilustrar uma notícia devem ser muito bem pensadas e, quando se trata de *hard news*, aproximar-se ao máximo do factual por abordarem temáticas e eventos que geram grande comoção pública, e a desinformação, nestes casos, pode ser fatal. Imagens não factuais, como ilustrações geradas por ferramentas IAG, para Schmitz (2020), deveriam ser utilizadas apenas em matérias “frias”. Ao noticiar eventos

“quentes”⁶, como conflitos e guerras, foco deste trabalho, as imagens devem ser “o mais próximo possível da realidade recuperada pelo discurso jornalístico” (Schmitz, 2020, p. 18), algo que a IAG pode apenas simular, mas não executar como um jornalista.

A própria simulação do trabalho jornalístico pela IAG, no caso da *Il Foglio AI*, pode ser problematizada, devido ao banco de treinamento das ferramentas utilizadas. O jornal não possui um banco centralizado em notícias provenientes de veículos de imprensa, que possuem um potencial para gerar material de qualidade com a utilização de uma IAG.

As plataformas utilizadas na criação das ilustrações coletadas, quando creditadas, são o ChatGPT e o Grok. De acordo com a OpenAI⁷, o ChatGPT é um *chatbot*⁸ que pode gerar imagens com problemas que “são resultado de enviesamento dos dados de treinamento”, já que grande parte do seu banco de treinamento é proveniente dos dados advindos da *internet* como um todo e dos usuários da plataforma. No que se refere ao Grok⁹, trata-se de um assistente IAG com banco de dados sendo um amálgama de informações em sites públicos na *internet*, publicações na rede social X e os dados inseridos pelos usuários do Grok.

Como o *Il Foglio AI* utiliza ferramentas com banco de dados que não se baseiam em trabalhos jornalísticos e ambas as IAG citadas não têm o compromisso jornalístico com a verdade em seus textos institucionais públicos, também há de ser problematizada a escolha da ferramenta pelo jornal por ser de livre ou fácil acesso pelo público consumidor.

Para Schmitz (2020, p. 50), uma imagem utilizada para ilustrar uma notícia não deve ser gerada ou manipulada para encenar um evento, um fato ou reconstruir um cenário, já que a imagem na notícia deve “contribuir para tornar o fato em conteúdo jornalístico”, mostrando, denunciando e atribuindo credibilidade à informação textual. Um exemplo de reconstrução de um cenário com IAG pode ser visto na notícia sobre a Flotilha Global Sumud que, à época da matéria, tentava entrar em Gaza com alimentos e suprimentos em ajuda humanitária, por conta dos ataques de Israel a civis palestinos. A Figura 2 é de um cenário que não existe, gerado artificialmente.

Figura 2: Ilustração Hiperrealista Sintética sobre a Flotilha Global Sumud.

Fonte: *Il Foglio AI* (30 set. 2025).

A não atribuição de créditos ou apresentação das plataformas de IAG utilizadas, em treze das imagens publicadas nas notícias do *Il Foglio AI*, é considerada uma ação não jornalística por Schmitz (2020), já que, para o pesquisador, o crédito seria uma obrigatoriedade, até mesmo legislativa, por conta de direitos autorais. Essa, inclusive, é uma das principais críticas à geração de imagem por ferramentas de IAG no jornalismo. Seja por roubo de material de terceiros para treinamento não autorizado de banco de dados, como foi o caso da plataforma de compartilhamento de arte DeviantArt, ainda em 2022, quanto por utilização de produções protegidas por direitos autorais e conteúdos íntimos e pessoais de usuários de redes sociais digitais para geração de imagens artificiais, como o processo judicial aberto contra a IA da Meta, em 2025.

Em síntese, cada imagem gerada pelas plataformas utilizadas pelo jornal usa dados sem o consentimento de seus autores, criadores ou pessoas que estão sendo representadas nas ilustrações. Na Figura 3, por exemplo, o jornal apresenta um diálogo fictício entre duas pessoas de nacionalidade israelense que não existem. Sem revelar qual plataforma de IA foi utilizada, o banco de treinamento pode ter se apropriado de várias imagens de pessoas que nunca deram sua autorização para o processo de sampleamento de mixagem da ferramenta na construção da imagem sintética. Essas pessoas podem ser contra o diálogo fictício do jornal, contra a ideologia de sua editoria, ou até mesmo terem sofrido alguma fatalidade por parte do governo de Israel, mas, estando suas imagens no meio digital, algumas plataformas de IA defendem a utilização livremente em seus bancos de dados. Uma atitude que não pode ser replicada em uma redação jornalística, a qual possui códigos de conduta e ética que devem ser respeitados na produção de notícias.

Figura 3: Ilustração Hiperrealista Sintética de duas pessoas fictícias em um diálogo inexistente.



Fonte: *Il Foglio AI* (29 jun. 2025).

Tanto a utilização de imagens para simular um conteúdo jornalístico factual quanto produções de matérias, como a do exemplo da Figura 3, tornam a qualidade da produção de *Il Foglio AI* questionáveis.

Um texto gerado artificialmente, de um diálogo fictício de duas pessoas que não existem, sobre um assunto que está nos debates públicos, pode ser considerado uma notícia? Um debate inexistente sobre um possível evento futuro contendo viés ideológico a respeito da construção dos personagens gerados artificialmente, como publicado no dia 17 de junho de 2025¹⁰, pode ser considerado notícia?

Os critérios de noticiabilidade são tensionados quando são analisados os conteúdos apresentados pelo jornal como notícia factual, principalmente por conta de os fatos, as pessoas, as declarações ou os diálogos nunca terem existido, sendo apenas fruto de simulação gerada pelas ferramentas IAG ao comando dos redatores do *Il Foglio AI*. Quando todo conteúdo é fictício, ainda é notícia, somente por estar em um *site* de um jornal e simulando uma estética jornalística?

A própria escolha de uma Ilustração Hiperrealista Sintética para ilustrar a maioria das matérias, em uma primeira análise, se faz necessária para aproximar o conteúdo de uma notícia, tentando simular o trabalho jornalístico e atribuindo credibilidade ao texto publicado. Apesar de outros tipos de ilustrações terem sua importância para as notícias,

a utilização de conteúdos que se aproximam do fotojornalismo parece buscar nas notícias coletadas o indicador de confiabilidade do jornalismo, já que o próprio texto, muitas das vezes, não apresenta fontes, dados ou pesquisas para noticiar o fato relatado, embora trate de temáticas sobre conflitos que ainda estão ocorrendo.

Esses conteúdos, misturados com eventos de comoção pública, altos volumes de informação sobre um assunto em meio digital, amálgama com diferentes tipos de imagens (fotojornalismo, memes, imagens criadas por IAG etc.), contribuem para que, em algumas esferas comunicacionais, possa ocorrer o processo de desinformação. Tratando-se de conflitos armados, pode ser fatal. A Figura 4 apresenta um exemplo de quando a ilustração não é hiperrealista, mas possui elementos de aproximação realistas.

Figura 4: Ilustração Não Hiperrealista Sintética sobre o conflito entre Ucrânia e Rússia.



Fonte: *Il Foglio AI* (24 jun. 2025).

Por mais que a imagem não seja real, ela tenta, ao máximo, aproximar-se da realidade, misturando elementos presentes no imaginário social. Afinal, ao criar tal ilustração, o jornal italiano buscou representar uma realidade - contexto de guerra com base nos países Ucrânia e Rússia -, mas, também, buscou enfatizar a opinião própria do editorial, referente à crescente inserção da IA em campos de conflitos armados.

CONCLUSÕES

Como demonstrado no tópico de análise das ilustrações sintéticas, o primeiro movimento desta pesquisa se preocupou em buscar os dados e contextualizar como o jornal está

utilizando o elemento imagético nas notícias, para acompanhar a informação textual sobre os acontecimentos relacionados, principalmente, os conflitos entre Israel e Palestina e Ucrânia e Rússia. Apesar da existência de outros conflitos em nível mundial, a seleção se dá principalmente associada ao vínculo do público conservador e de extrema direita do jornal (Ferrara, 2003; Teixeira, 2025).

A problematização exposta a partir dos dados coletados refere-se a como os leitores do *Il Foglio* estão compreendendo a realidade com a mediação imagética de ilustrações sintéticas que não se relacionam com a realidade ou representam eventos reais, como as publicações de diálogos inventados de personagens fictícios.

Como em alguns casos, tanto a imagem quanto o texto não noticia um fato, não traz um registro documental ou histórico, não se trata de artigo de opinião, editorial ou coluna, em primeira análise, aparenta apenas ser um material fictício gerado por IA acerca de uma temática “quente”. Portanto, não só a escolha das ilustrações, o modo como elas são apresentadas, mas também toda a notícia em si parece se afastar dos moldes consensuais do que é jornalismo, simplesmente por ser possível apresentar materiais gerados pela ferramenta tecnológica. Nesses cenários, a imagem não retrata ou registra a realidade, apenas apresenta elementos ficcionais. Quando isso ocorre em um veículo de imprensa, quanto o público consumidor dessas notícias tem sua percepção de realidade e memórias sobre os fatos alterada ou prejudicada?

Em teoria, a comoção em utilizar uma ferramenta tecnológica para publicação de notícias deve se respaldar na melhora da qualidade do material publicado, do trabalho do profissional jornalista e em relatar os fatos para o público baseado em amparo ético. No entanto, o projeto de *Il Foglio AI* parece entregar material que pode contribuir para enganar o consumidor ou prejudicá-lo, colaborando para uma desordem informacional sobre os assuntos retratados.

No momento em que não se identifica que a imagem foi gerada com IAG, assume-se o risco de enganar o público. Não se tem tal informação, presume-se que, por a editoria da *Il Foglio AI* ser toda feita com inteligência artificial, é dispensável uma indicação mais precisa na legenda, já que o público partiria do princípio que é IAG. Em todo caso, o crédito na legenda é um elemento de autoria, caro ao jornalismo.

O caso observado também convoca uma reflexão sobre a “caixa-preta” da imagem gerada por IAG. Da mesma forma que o jornalismo utiliza de um conjunto de informações

disponíveis na *internet* para compor o texto jornalístico, a IAG também utiliza, mas não se tem acesso à composição desse banco de informações e de que forma é manipulada pela IAG.

O *Il Foglio AI* não disponibiliza o *prompt* utilizado para gerar a imagem, o que cria um primeiro impeditivo na capacidade de avaliar a agência de quem solicita elaborações para a IAG. Ainda assim, em casos de cobertura de guerra, os autores consideram impossível representar uma cobertura *in loco*. As IAG são treinadas a partir de um banco de informações disponíveis (Lemos, 2024), por meio de um algoritmo pré-definido. Há uma incapacidade operacional, na estrutura da IAG, para que ela possa oferecer a mesma cobertura de um evento que um jornalista realiza, por mais que a lógica de uma IA seja de reproduzir redes neurais humanas (Canavilhas; Biolchi, 2024).

Da mesma forma que o jornalismo e as IAG utilizam informações já indexadas, seus produtos também entram para a coleção de dados disponíveis e que serão acessados futuramente tanto por outros jornalistas como para alimentar as bases de inteligências artificiais generativas. Esse “passado arquivado” (Palacios, 2010, p. 45) tem capacidade de ser tomado como uma memória, que na sua essência não representa a realidade, mas que, no uso posterior, será apreendida como representativa. Assim, a validação se dá por conta da associação com um jornal, o que atribui credibilidade ao material. Importante destacar, em síntese, que a partir do material analisado, pode-se considerar que a qualidade do jornalismo trazido nas matérias do *Il Foglio AI* é questionável.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Gabriella de; BIANCHI, Graziela; BARBOSA, Leirany. O impacto das imagens geradas por IA nas enchentes do Rio Grande do Sul em 2024. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 17., 2024, São Paulo. Anais [...]: Arte Comunicação e Educação em tempos de eventos climáticos extremos. São Paulo: ABCiber, 2024. v. 17, n. 1. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposio2024/Anais-Simposio-2024.pdf>. Acesso em: 18 maio 2026.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BORGES, Otávio Malta. **Detecção de Imagens Geradas por Inteligência Artificial**: Um Estudo sobre Técnicas e Desafios. 2025. Bacharelado (Sistemas de Informação) - Faculdade de Computação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/47761/6/Detec%C3%A7%C3%A3oImagensGeradas.pdf>. Acesso em: 19 maio 2026.

BITTONI, Dulcília Helena Schroeder. Fotografia e jornalismo: da prata ao pixel - discussões sobre o real. *Libero*, v. 10, n. 20, p. 103-111, 2007. Disponível em: https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/001642130_0.pdf. Acesso em: 22 maio 2026.

CADOZ, Claude. *Realidade virtual*. São Paulo: Ática. 1997.

CANAVILHAS, João; BIOLCHI, Bárbara. Inteligência Artificial e Transparência no Jornalismo. *Mídia e Cotidiano*, v. 17, n. 1, p. 43-64, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/62654/36888>. Acesso em: 22 maio 2026.

CHAMPI, Paola Susana Mendoza; ANDRADE NETO, Paulo Pessoa. Essa imagem é falsa? Um *fake* vale mais que mil verdades. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46., 2023, Belo Horizonte. *Anais [...]: Comunicação e políticas científicas: desmonte e reconstrução*. São Paulo: Intercom, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202322130664dd74220acb7.pdf. Acesso em: 15 jul. 2024.

FERRARA, Giuliano. *Giuliano Ferrara*. Roma: Il Foglio, 2003. Disponível em: <https://www.ilfoglio.it/ritratti/2009/04/01/news/giuliano-ferrara-948/>. Acesso em: 13 jan. 2026.

FERRARI, Pollyana. *A era do prompt: inteligência artificial, colonialismo, devires e desinformação*. Cachoeirinha: Editora Fi, 2024.

IL FOGLIO AI. *Come l'intelligenza artificiale ha cambiato l'Ucraina e Israele*. Roma: Il Foglio, 24 jun. 2025. Disponível em: <https://www.ilfoglio.it/il-foglio-ai/2025/06/24/news/come-l-intelligenza-artificiale-ha-cambiato-l-ucraina-e-israele-7857883/>. Acesso em: 2 dez. 2025.

IL FOGLIO AI. *Così l'Europa ha combattuto la Russia*. Roma: Il Foglio, 20 maio. 2025. Disponível em: <https://www.ilfoglio.it/il-foglio-ai/2025/05/20/news/cosi-l-europa-ha-combattuto-la-russia-7741707/>. Acesso em: 2 dez. 2025.

IL FOGLIO AI. *Due israeliani si confrontano sull'editoriale dell'Economist*. Roma: Il Foglio, 29 jul. 2025. Disponível em: <https://www.ilfoglio.it/il-foglio-ai/2025/07/29/news/due-israeliani-si-confrontano-sull-editoriale-dell-economist-7962543/>. Acesso em: 2 dez. 2025.

IL FOGLIO AI. *La doppiezza della Flotilla*. Roma: Il Foglio, 30 set. 2025. Disponível em: <https://www.ilfoglio.it/il-foglio-ai/2025/09/30/news/la-doppiezza-della-flotilla-8141467/>. Acesso em: 2 dez. 2025.

ISTITUTO GIOVANNI TRECCANI. *Foglio, Il*: Enciclopédia online. Roma: Treccani, [202-]. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/il-foglio/>. Acesso em: 15 out. 2025.

LEMONS, André. Erros, falhas e perturbações digitais em alucinações das IA generativas: Tipologia, premissas e epistemologia da comunicação. *Matrizes*, v. 18, n. 1, p. 75-91, 2024. Doi: 10.11606/issn.1982-8160.v18i1p75-91.

MANOVICH, Lev. Quem é o autor? Sampleamento/remixagem/código aberto. *In*: BRASIL, André; FALCI, Carlos Henrique; JESUS, Eduardo; ALZAMORA, Geane. **Cultura em fluxo**: novas mediações em rede. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004. p. 248-263.

MANOVICH, Lev; ARIELLI, Emanuele. Imagens IA e mídias generativas. **Revista Eco-Pós**, v. 26, n. 2, 2023. Doi: 10.29146/eco-ps.v26i2.28175.

MCLUHAN, Marshal. Visão, som e fúria. *In*: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 153-162.

MUANIS, Felipe. Imagens, inteligência artificial e a incontornabilidade da metacrítica. **Rumores**, v. 17, n. 33, p. 115-132, 2023. Doi: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2023.210891.

PALACIOS, Marcos. Convergência e Memória: jornalismo, contexto e história. **Matrizes**, v. 4, n. 1, p. 37-50, 2010. Doi: 10.11606/issn.1982-8160.v4i1p37-50.

PUCARELLI, Michele; TAVARES, Denise. IA e Fotojornalismo: desafios de uma relação delicada e (ainda) em construção. **Revista GEMInIS**, v. 14, n. 3, p. 38-58, 2023. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/824>. Acesso em: 18 maio 2026.

RABELO, Elson de Assis. **A visão em deslocamento**: uma história de palavras, figuras e paisagens do Rio São Francisco (1930/1970). 2014. Tese (Doutor em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11885/1/TESE%20Elson%20de%20Assis%20Rabelo.compressed.pdf>. Acesso em: 18 maio 2026.

SAAD, Elizabeth. O eterno retorno sobre o futuro de jornalismo. Para além do *hype* dos sistemas generativos inteligentes. *In*: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina; GIACOMELLI, Fábio. **Inteligência artificial e jornalismo móvel**: contexto, tendências, práticas e perspectivas. Covilhã: LABCOM - Comunicação e Artes, 2024. Disponível em: https://labcom.ubi.pt/wp-content/uploads/2024/05/2024_InteligenciaJornalismoMovel_JCanavilhasCRodriguesFGiacomelli.pdf. Acesso em: 18 maio 2026.

SCHMITZ, Aldo. **Manual do Jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2020.

SHUMAILOV, Ilia *et al.* AI models collapse when trained on recursively generated data. **Nature**, v. 632, p. 755-759. Doi: 10.1038/s41586-024-07566-y.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

TEIXEIRA, Pedro. Jornal italiano afirma ter publicado edição totalmente feita por IA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 out. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2025/03/jornal-italiano-afirma-ter-publicado-edicao-totalmente-feita-por-ia.shtml>. Acesso em: 20 out. 2025.

VIOLA, Natalia Martin. Pós-fotografia e pós-humano: a imagem na era da Inteligência Artificial. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 12, n. 3, p. 1-10, 2026. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/25096>. Acesso em: 19 maio 2026.

WELTER, Lahis; CANAVILHAS, João. Artificial intelligence in the fight against disinformation in the Brazilian presidential election 2022. *Miguel Hernandez Communication Journal*, v. 14, p. 185-203, 2023. Doi: 10.21134/mhjournal.v14i.1984.

NOTAS FINAIS

- 1 Disponível em: <https://www.brasil247.com/midia/folha-usa-foto-com-montagem-enganosa-do-papa-para-noticiar-que-pontifice-saiudo-hospital>. Acesso em: 2 dez. 2025.
- 2 Em abril e maio de 2024, fortes chuvas atingiram o estado do Rio Grande do Sul, e as políticas públicas e infraestrutura locais não foram capazes de evitar tragédias que avançaram em quase todo o território estadual. De acordo com os dados da Secretaria de Comunicação do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, atualizados em 19 de agosto de 2025: 478, dos 497 municípios que compõem o estado, foram afetados; 806 pessoas tiveram ferimentos leves ou graves; 23 pessoas permaneciam desaparecidas; 185 pessoas morreram em decorrência da tragédia; e no total, 2.398.255 pessoas foram impactadas pelos eventos climáticos do período.
- 3 Planilha pode ser conferida em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1KRi_SzX-ZlZecKBgR2OFGUyVn8kDy37u6lpL1DMOjFE/edit?usp=sharing.
- 4 Acessar aba do jornal feito por IA: <https://www.ilfoglio.it/il-foglio-ai/>.
- 5 O termo “sintética” diz respeito a “um referente físico - como uma fotografia digital -, completamente criada a partir de referentes de uma imagem mental - como eventualmente em um videogame -, ou pode, ainda, conjugar as duas possibilidades, integrando um referencial real a um referente imaginado, como, por exemplo, uma cena do filme *Jurassic Park* em que humanos e dinossauros estão presentes na mesma imagem” (Muanis, 2023, p. 40), o que acaba relacionando com uma referência que não existe de fato.
- 6 Para Schmitz (2020, p. 18), trata-se da cobertura de “um fato acontecido recentemente, acontecendo ou a acontecer”.
- 7 Disponível em: <https://openai.com/pt-BR/index/chatgpt/>. Acesso em: 2 dez. 2025.
- 8 Robô desenvolvido com inteligência artificial para simular ação de conversar com humanos.
- 9 Disponível em: <https://x.ai/legal/privacy-policy/>. Acesso em: 2 dez. 2025.
- 10 Disponível em: <https://www.ilfoglio.it/il-foglio-ai/2025/06/17/news/uno-scontro-su-israele-e-iran-quando-la-deterrenza-e-autodifesa-e-quando-rischia-di-diventare-un-pretesto-7837077/>. Acesso em: 2 dez. 2025.

SOBRE OS AUTORES

LERIANY BARBOSA Mestre em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Mídias Digitais (GEMIDI), do PPGJor-UEPG. E-mail: lerianybarbosa@gmail.com

DAVID CANDIDO DOS SANTOS Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGJor-UEPG). Bolsista CNPq. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Mídias Digitais (GEMIDI/PPGJor-UEPG). Editor adjunto da Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo do PPGJor-UEPG. E-mail: davidcandidods@gmail.com

GRAZIELA SOARES BIANCHI Doutora em Ciências da Comunicação (Unisinos). Professora adjunta no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGJor-UEPG). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Mídias Digitais (GEMIDI/PPGJor-UEPG). E-mail: grazielasbianchi@gmail.com

PAULO PESSÔA NETO Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGJor-UEPG) Bolsista CNPq. Membro colaborador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Mídias Digitais da UEPG (GEMIDI). E-mail: paulo.pterceiro@gmail.com

VÍTOR ALMEIDA DOS SANTOS Jornalista de dados e cofundador do Ponto Jornalismo de Dados. Mestrando em Jornalismo no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGJOR-UEPG). Bolsista CAPES. E-mail: vitoralmeida.jor@gmail.com

Artigo recebido em: 15 de janeiro de 2026.

Artigo aceito em: 14 de junho de 2026.